



Os últimos jesuítas da China no exílio: Passos para reconstruir um percurso de vida

António Júlio Limpo Trigueiros, S. J.
Lisboa

A expulsão da Companhia de Jesus de Portugal e dos seus domínios, pela lei de 3 de Setembro de 1759, foi o primeiro acontecimento marcante de uma gigantesca operação que fez despender energias e mobilizar importantes recursos políticos e diplomáticos ao longo de toda a segunda metade do século XVIII. Partindo do Reino de Portugal, esta medida foi apenas o prelúdio de um acontecimento que se viria a concretizar apenas catorze anos mais tarde, quando, pelo breve pontifício de 21 de Julho de 1773, *Domínus ac Redemptor*, o papa Clemente XIV suprimia a Companhia de Jesus como ordem religiosa.

Após ter sido decretada, em 1759, a expulsão dos jesuítas de todos os territórios portugueses espalhados pelo império colonial, num total de 1480 padres, irmãos coadjutores e escolásticos, procedeu-se a um dismantelamento seletivo da numerosa Assistência Lusitana, composta por sete províncias e vice-províncias (Lusitana, Brasil, Maranhão, Goa, Malabar, Japão e China). O processo foi rápido e eficaz e poderíamos dizer que se desenvolveu sobretudo através de três fortes medidas; encarceramento, secularização e expulsão.

A primeira medida foi o encarceramento imediato dos jesuítas mais influentes, e presumivelmente considerados mais perniciosos, nas prisões de

António Júlio Trigueiros, S. J., é Investigador do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Académico Correspondente da Academia Portuguesa da História. Este artigo integra-se no âmbito do projecto de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia intitulado «*Res Sinicae*. Base digital de fontes documentais em latim e em português sobre a China (Séculos XVI a XVIII). Levantamento, edição, tradução e estudos»(PTDC/LLT-OUT/31941/2017), do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

S. Julião da Barra, Azeitão, Junqueira e Almeida. Entre estes contavam-se os provinciais, reitores, confessores régios e todos os missionários estrangeiros sem exceção (alemães, italianos, franceses, ingleses, irlandeses, etc), que se achavam a missionar nos territórios ultramarinos. Dos encarcerados, num total de duzentos e vinte e dois, cerca de oitenta morreram nas prisões (trinta e sete em S. Julião da Barra, trinta e seis em Azeitão e nove em diferentes cárceres). Cinco foram deportados para África e perdeu-se-lhes o rasto. Uns quarenta morreram durante as viagens de Goa e do Brasil para a metrópole. Em 1767, foram libertados trinta e nove que se juntaram aos seus companheiros de Itália. Em 1777, por morte de D. José e após a queda de Pombal, foram finalmente libertados cinquenta e três, dos quais quarenta e cinco achavam-se encarcerados em S. Julião da Barra e oito noutras prisões, há perto de vinte anos (cf. Eckart 1987: 245-267).

A segunda medida de desmantelamento da assistência Lusitana consistiu no insistente assédio feito aos não-professos (noviços e escolásticos), separados propositadamente dos professores, para abandonarem a ordem. Executada por oficiais de justiça zelosos, com promessas de benesses e dramáticas súplicas de familiares dos jovens jesuítas, obteve um número considerável de resultados, mas reforçou a tenacidade dos que não cederam (cf. Caeiro 1991: 291 e ss.). No que se refere aos que deixaram a Companhia em terras de Itália, o *Catalogus Generalis de 1767* refere um total de quarenta e quatro jesuítas da assistência que «largaram a roupeta» antes da extinção, no período que vai de 1761 a 1771. No entanto, no catálogo do Conde da Ericeira, de 1780, aparecem registados já só seis jesuítas que «tinham largado a roupeta antes da extinção» e que se acham a viver em Génova (3), Civitavecchia (2) e Ferrara (1), alguns deles casados. Aparecem também notícias de três desertores que viviam secretamente em Espanha, e que vieram a ser presos e repatriados.

A terceira e mais massiva medida de desmantelamento foi o embarque forçado em nove expedições do grosso dos elementos da província e das missões. Os embarques processaram-se do seguinte modo: desde 24 de outubro de 1759 a 7 de julho de 1761, aportaram em oito expedições ao porto de Civitavecchia um total de 1036 jesuítas. A estes juntar-se-iam, em 1767, uma expedição de mais trinta e nove saídas das prisões de Lisboa. Segundo este *Catalogus generalis Assistentiae Lusitanae* tinham desembarcado nos territórios papais um total de 1.105 jesuítas.

O códice da Assistência no exílio (ARSI, Lus 41 – *Catalogus generalis Assistentiae Lusitanae ou Catálogo geral da Assistência Lusitana*, 1767; versão modernizada) inclui um pequeno catálogo da Província Chinesa, onde se registam dez jesuítas que tinham estado na China e que foram expulsos na primeira leva de 1759–1760. A estes se juntam mais sete que, tendo estado encarcerados em S. Julião, foram embarcados para Itália em 1767.



ARSI, Lus 41 – *Catalogus generalis Assistentiae Lusitanae ou Catálogo geral da Assistência Lusitana* (versão modernizada), 1767, fl. 97.

Mas há um grupo que não pertence a nenhuma destas categorias e por isso acha-se omissa neste catálogo. Trata-se dos seis jesuítas que em 1773 se achavam em Pequim, a que se somam mais quatro nas províncias de Hunan, Hubei, Jiangxi, a que se somariam mais meia dúzia de padres jesuítas chineses educados em França, que estariam integrados em comunidades chinesas. A obra de Joseph Dehergne, S.J., *Repertoire des Jésuites de Chine de 1552 a 1800*, publicada pela Biblioteca do Instituto Histórico S.J., em 1973, reporta todos estes jesuítas: seja os dez sobreviventes em Pequim e noutras províncias chinesas, seja os 17 que morreram em solo italiano.

A notícia da extinção da Companhia de Jesus chegou a Macau em 1774. Por ordem do Marquês de Pombal, o bispo de Macau, D. Alexandre Pedrosa Guimarães, franciscano, escreveu ao Senado da Câmara destacando

o grande desejo que deve ter todo o vassalo obediente e fiel, e me assiste, de fazer introduzir no Império da China, até chegar às mãos do Imperador, o rezumo dos males que obraram os extintos jesuítas, em todas as Monarquias onde rezidiram. (*Arquivos de Macau*, vol. XVI, nº 3, Setembro de 1971, p. 162)

O Senado de Macau advertiu o bispo das dificuldades dessa missão, dada a amizade que o Imperador tinha pelos jesuítas residentes na corte como astrónomos e matemáticos:

Na tradução do Português na lingua sinica (dos documentos com as acusações contra os jesuítas) não há nem houve duvidas, o que há somente consiste em ser o Imperio compreensivelmente dilatado, em estar o Imperador cercado dos mesmos padres que foram da Companhia, os quaes lhe servem de mandarins e validos, e com amizade e respeito entre os maes mandarins da Nação Sinica, os quaes dominam por interesses de avultadas ofertas que lhes fazem, porque são os mandarins sínicos muito interesseiros. (Arquivo Histórico Ultramarino, Conselho Ultramarino, Macau, caixa 9, doc. 12, assim citado em Abreu 2000: 228)

O Senado astutamente descarta-se de encontrar solução e deixa nas mãos do prelado encontrar o melhor modo de o fazer:

«Quando V. Ex.a descobrir huma outra via, fica este Senado pronto para concorrer com a introdução dos papeis.». (Arquivo Histórico Ultramarino, Conselho Ultramarino, Macau, caixa 9, doc. 6, assim citado em Abreu 2000: 228)

A corte chinesa, com uma longa relação com os padres da Companhia não seria sensível a atender aos «males que obraram os extintos jesuítas». Pelo contrário, o imperador Qianlong, satisfeito com o trabalho de cientistas que desenvolviam ao seu serviço, havia acumulado alguns deles de prendas e benesses. Esta situação de exceção faz recordar a atitude da imperatriz da Rússia e do rei da Prússia face à publicação do breve de supressão da Companhia de Jesus. Poder-se-ia estabelecer um paralelismo entre a proteção aos jesuítas após a supressão da Companhia por parte da imperatriz Catarina II da Rússia e a proteção do imperador manchu da dinastia Qing, Qianlong?

Quando em 1774, um incêndio destruiu a catedral, a igreja de Nantang ou da Imaculada Conceição, o próprio imperador deu ordens para que se emprestassem vinte mil taéis para a reconstrução do templo, que ficou concluído em 1776. Em Pequim existiam (existem ainda hoje) quatro igrejas. A de Nantang ou da Imaculada Conceição, fundada por Matteo Ricci, que tinha anexo o cemitério de Chala e a de Dongtang ou de S. José, que eram as igrejas portuguesas. Os padres franceses tinham a seu cargo a igreja de Beitang ou do Salvador e os missionários italianos, a de Xitang ou das Dores. Nos espaços anexos residiam os jesuítas.

Testemunho dessa derradeira presença são as quatro estelas funerárias de quatro dos últimos jesuítas portugueses ali falecidos, de que aqui reproduzimos a imagem de duas, existentes no cemitério de Chala em Pequim.



Estela tumular do jesuíta José de Espinha (1722–1788), no cemitério de Chala em Pequim (publ. por Abreu 1998).



Estela tumular do jesuíta João de Seixas (o ilustre Lin, 1711–1785), no cemitério de Chala em Pequim (publ. por Abreu 1998).

Jesuítas da Província Sinica no exílio em 1767
Catalogus generalis Assistentiae Lusitanae ou Catálogo geral da
Assistência Lusitana (versão modernizada) (ARSI, Lus. 41)

| Nome | Nascimento | Entrada na S.J. / Votos |
|---------------------------------------|--|--|
| João Simões | 08.09.1713, Penela, Coimbra | 17.05.1734 Últimos votos 15.08.1731 |
| João da Cunha | 09.10.1732, Coimbra | 23.11.1747 Últimos votos 10.08.1767 |
| Faustino Soares | 18.01.1728, Guarda | 10.07.1748 Últimos votos 10.08.1767 |
| Manuel da Fonseca (Junior) | 16.05.1733, Figueiró do Campo, Soure, Coimbra | 05.12.1748 Últimos votos 15.08.1767 |
| Francisco Pinto | 15.09.1733, S. Leonardo de Galafura, Peso da Régua, diocese de Braga | 31.01.1749 Últimos votos 15.08.1767 |
| Sebastião Correia | 20.01.1734, Semide, Miranda do Corvo, diocese de Coimbra | 09.03.1749 Últimos votos 15.08.1767 |

| Percurso biográfico | Morte | Fontes impressas |
|--|---|----------------------------|
| Sezze (Setia) (<i>Lus.</i> 41) 1774- Pesaro (<i>Lus.</i> 40 b) | 21.12.1778, na Villa Imperiale, Pesaro, com 65 anos de idade (Archivio Parrocchiale di Santa Maria delle Fabbrecce, Pesaro, <i>Libro Secondo de Morti</i> , n.º 34) | Trigueiros / Russo, p. 706 |
| 1758- Colégio de Jesus, Coimbra. 1767- Palácio de Sora, Roma (<i>Lus.</i> 41) 1774- Roma (fora do Convitto) (<i>Lus.</i> 40 b) | 20.11.1796, Roma «na casa de doidos» (Castro, II, p. 371) | Trigueiros / Russo, p. 273 |
| 1758- Colégio de Jesus, Coimbra. 1767- Palácio de Sora, Roma (<i>Lus.</i> 41) 1774- Trastevere (<i>Lus.</i> 40 b) | 26.03.1808, no Convitto do Gesù, Roma, com 80 anos de idade (ASVR, <i>San Marco, Liber VI Defuncti S. Marci ab an. Iub 1775 usq ad an 1793</i> , p. 87) | Trigueiros / Russo, p. 711 |
| Colégio Romano, Roma (<i>Lus.</i> 41) | 28.02.1798, Roma | Trigueiros / Russo, p. 330 |
| 1767- 1º Palácio Inglês, Roma 2º Villa Rufinella, Frascati (Tuscul) (<i>Lus.</i> 41) | 31.08.1767, Castelgandolfo | Trigueiros / Russo, p. 600 |
| 1758- Colégio de Jesus, Coimbra. 1774- Pesaro (<i>Lus.</i> 40 b) Regressou a Portugal em Maio de 1780 (<i>Lus.</i> 40 b) | | Trigueiros / Russo, p. 248 |

| Nome | Nascimento | Entrada na S.J. / Votos |
|---|--|--------------------------------|
| João Mendes | 17.12.1734, Coimbra | 09.03.1749 |
| José de Lima (olim José de Lima Almeida) | 29.03.1732, Lisboa (<i>Lus. 41</i>) ou 30.03.1736 (<i>Lus. 40 b e ATC</i>) | 01.04.1751 |
| Joaquim Lobo | 26.03.1736 Cadaval | 01.04.1751 |
| Xavier Duarte | 03.11.1736, Coimbra | 15.08.1751 Coadj. Temp. |

| Percurso biográfico | Morte | Fontes impressas |
|--|---|---------------------------------------|
| <p>1758- Colégio de Jesus, Coimbra. Palácio Inglês, Roma (Lus. 41) 1774- Trastevere (Lus.40 b)</p> | | <p>Trigueiros / Russo, p. 482</p> |
| <p>1758- Colégio de Jesus, Coimbra 1767- Palacio de Sora, Roma (Lus. 41) 1774- Trastevere (Lus. 40 b) 1777- Trastevere (ATC, <i>Jl</i>, p. 13)</p> | <p>03.09.1795, , no Palacio de Trastevere, Roma, com 65 anos de idade(ASVR, <i>Santa Maria in Trastevere, Liber Mortuorum n° 6</i>, p.183v°</p> | <p>Trigueiros / Russo, p. 84</p> |
| <p>1758- Residência do Canal. Schol. 1767 - Castelgandolfo (Lus. 41)</p> | <p>03.10.1768, Castel Gandolfo (Lus. 41)</p> | <p>Trigueiros / Russo, p. 425</p> |
| <p>1758- Residência de Verem. Palácio Inglês, Roma (Lus. 41) 1774- Rufinella (Lus 40 b)</p> | <p>15.07.1789, no Palacio de Trastevere, Roma, com 74 anos de idade (ASVR, <i>Santa Maria in Trastevere, Liber Mortuorum n° 6</i>, p. 129 v°)</p> | <p>Trigueiros / Russo, p. 289</p> |

Jesuítas que estiveram no cárcere de São Julião e chegaram a Roma em 1767

| Nome | Nascimento | Entrada na S.J. / Votos |
|---|---|--|
| António Xavier Morabito | 30.12.1691, Messina | 07.12.1706 |
| Dinis Ferreira | 10.10.1720, Lisboa | 06.02.1738 Últimos votos 03.05.1756 |
| Manuel de Aguiar | 01.11.1704, Setubal (BNL, <i>Catalogo dos sogeitos</i>) | 20.11.1740 Últimos votos 23.05.1754 |
| António Falcão (olim António Xavier Falcão da Gama) | 06.09.1726, Guarda | 10.07.1743 |

| Percurso biográfico | Morte | Fontes impressas |
|---|--|-----------------------------------|
| <p>Preso nos cárceres de S. Julião da Barra. Libertado, chegou a Itália a 06.09.1767. (Lus. 41)</p> | <p>31.10.1769, na villa Rufinella, Frascati (Tusculi) (Lus. 41)</p> | <p>Trigueiros / Russo, p. 511</p> |
| <p>Preso em Macau, foi depois encerrado em S. Julião a 19.10.1764. Exilado para Itália a 09.07.1767, onde chegou a 06.09.1767. (Lus. 41)</p> | <p>22.03.1771, em Castel Gandolfo (Lus. 41)</p> | <p>Trigueiros / Russo, p. 308</p> |
| <p>Foi preso em Macau e depois em S. Julião a 19.10.1764. Expulso para Itália a 9.07.1767, onde chegou a 06.09.1767. (Lus. 41) 1774- Rufinella (Lus. 40 b)</p> | <p>23.02.1782, na Villa Rufinella, Frascati, com 75 anos de idade (Archivio Catedrale Frascati, <i>Defunctor ab anno 1781 ad 1790</i>)</p> | <p>Trigueiros / Russo, p. 64</p> |
| <p>Preso em Macau , foi depois encerrado em S. Julião a 19.10.1764. Exilado para Itália a 19.07.1767, onde chegou a 06.09.1767. (Lus. 41) 1774- Rufinella (Lus. 40 b)</p> | | <p>Trigueiros / Russo, p. 291</p> |

| Nome | Nascimento | Entrada na S.J. / Votos |
|--------------------------------|---|---|
| Francisco da Silva | 18.12.1727, Vinha da Rainha concelho de Soure, diocese de Coimbra | 03.11.1745 Últimos votos 08.12.1759 |
| Manuel José de Carvalho | 05.08.1731 | 19.07.1746 |
| Sinfroniano Duarte | 12.11.1708, Hangchow (Chenkiang) | 02.02.1749 Coadj. Temp. |

| Percurso biográfico | Morte | Fontes impressas |
|---|--|-----------------------------------|
| <p>Preso nos cárceres de S. Julião da Barra. Libertado, chegou a Itália a 06.09.1767 (Lus. 41) 1774- Trastevere (Lus. 40 b)</p> | <p>28.06.1805 , no Convitto do Gesù, Roma, com 78 anos de idade (ASVR, <i>San Marco, Liber VI Defuncti S. Marci ab an. Iub 1775 usq ad an 1793</i>, p. 71 vº</p> | <p>Trigueiros / Russo, p. 685</p> |
| <p>Preso em Macau e depois em S. Julião a 19.10.1764. Exilado para Itália a 09.07.1767, onde chegou a 06.09.1767. (Lus. 41) 1774- Ruffinella (Lus. 40 b)</p> | <p>23.03.1787, em Urbania (Lus. 40)</p> | <p>Trigueiros / Russo, p. 219</p> |
| <p>Preso em Macau, foi encerrado em S. Julião a 19.10.1764. Exilado para Itália a 09.07.1767, onde chegou a 06.09.1767. (Lus. 41) 1774- Trastevere (Lus 40 b)</p> | <p>26.05.1794, Convitto di Trastevere, Roma, com 86 anos de idade (ASVR, <i>Santa Maria in Trastevere, Liber Mortuorum n° 6</i>, p. 175)</p> | <p>Trigueiros / Russo, p. 288</p> |

Jesuítas portugueses que se encontravam na China em 1773

| Nome | Nascimento | Entrada na S.J. / Votos |
|--|---|---|
| José Bernardo de Almeida (<i>So To-Tch'ao</i> <i>Yue-Tch'ang</i>) | 18.09.1728, Penela, Coimbra (<i>Lus. 49, 58</i>) | 23.02.1746, noviciado de Arroios (<i>Lus. 49, 129</i>) |
| José de Araújo (<i>Lang Jo-cho ou</i> <i>Tchang Jo-sé</i>) | 10.05.1721, Braga (<i>Jap Sin 134, 441</i>) | 27.03.1741 (<i>Jap Sin 134, 441</i>) |
| Agostinho Avelar (<i>Ting</i>) | 08.08.1725, Lisboa (<i>Jap Sin 134, 443</i>) | 07.12.1745 (<i>Jap Sin 134, 443</i>) |

| Percurso biográfico | Morte | Fontes impressas |
|---|---|--|
| <p>Embarcou entre 1755 e 1758. Chegou a 13.05.1759 a Pequim (Lus. 49, 129). Foi presidente do tribunal das Matemáticas em Pequim de 1779 a 1793</p> <p>Médico, dentista e farmacêutico.</p> <p>Médico pessoal de He Shen, um dos quatro gelao ou ministros de Estado</p> <p>Chefe dos interpretes da embaixada inglesa de Lord Macartney.</p> | <p>12.11.1805, Pequim (Planchet, 154)</p> | <p>Pfister p. 886; Dehergne p. 9; Wicki p. 2099</p> |
| <p>Embarcou como escolástico em 1749 para a China. Chegou a Macau em 1751, destinado a Kiangnan, parou a 8.12.1753 em Soochow.</p> <p>Reconduzido a Macau em 1755, reentrou secretamente na China central, Kiangsi</p> | <p>Depois de 1774 Provavelmente em Kiangsi</p> | <p>Pfister p. 863; Dehergne p. 15; Wicki p. 1974</p> |
| <p>Figura no catalogo da VP da China de 1752</p> <p>Missionário em Hou-nan em 1761 (SOCP) e Wuchang em 1767 (<i>Hisp. 34 II</i>, 476)</p> | <p>1788, Hukwang (carta do P. António de Gouveia de 08.11.1788)</p> | <p>Pfister p. 879; Dehergne p. 18</p> |

| Nome | Nascimento | Entrada na S.J. / Votos |
|---|---|---|
| <p>José de Espinha (<i>Kao Chen-sseu Jo-cho</i>)</p> | <p>22.12.1722, Vilar Tropim, Figueira de Castelo Rodrigo, diocese de Lamego (<i>Jap. Sin, 134, 440 v</i>)</p> | <p>04.06.1739 (<i>Lus. 48, 267 e Jap Sin 134, 443</i>) Últimos votos 28.11.1756, em Hami</p> |
| <p>Inácio Francisco (<i>Tchang Chou Yi-nan ou Ki-Sien</i>)</p> | <p>14.08.1725, Conraria, Ceira, Coimbra (<i>Lus. 49, 59</i>)</p> | <p>24.08.1742, para a missão da China. Últimos votos 04.11.1767 em T'ong-tcheou du Hopei (Kiangsu) Coadj. Spir.</p> |

| Percurso biográfico | Morte | Fontes impressas |
|--|---|---|
| <p>Embarcou para Goa em 1749, para Macau em 1751 e depois de 22.08.1751 para a China. Mandarim de 4ª classe a 21.03.1756. Foi vice-provincial da China (1762–1765) e de novo no tempo da supressão da Companhia na China em 1775. Em 1770 era vice-presidente do Tribunal das Matemáticas e presidente em 1781. Nomeado vigário geral do Bispo de Macau para a diocese de Pequim, pelo Padroado (em polémica com o administrador da Propaganda). Em 20.04.1782 é nomeado pelo administrador da sé de Goa, como administrador da sede vacante da diocese de Pequim.</p> | <p>10.07.1788, Pequim tem estela tumular no cemitério de Chala (Planchet, p. 151)</p> | <p>Pfister p. 865; Dehergne p. 83-84; Wicki p. 1942</p> |
| <p>Embarcou para a China em 1752 onde chegou com o embaixador Francisco Xavier Assis Pacheco (Jap Sin 134,440,446) e a Pequim em 1753. Cirurgião.</p> | <p>09.12.1792, Pequim tem estela tumular no cemitério de Chala (Planchet, p. 198)</p> | <p>Pfister p. 835; Dehergne p. 100; Wicki p. 2021</p> |

| Nome | Nascimento | Entrada na S.J. / Votos |
|---|---|--|
| Manuel da Mota | 20.07.1720, Braga (<i>Lus. 48, 149</i>) | 19.05.1736 (<i>Lus. 48,214</i>) Últimos votos 13.12.1767, Hu Kuam (<i>Hisp. 34,476</i>) |
| Inácio Pires (<i>Pi Na-tσιο</i>) | 04.07.1724, Meãs do Campo, Montemor o Velho, diocese de Coimbra (<i>Lus. 49, 57 v</i>) | 27.04.1742, Coimbra (<i>Lus. 49, 57 v</i>) Últimos votos 02.03.1760, Kiangsi (<i>Lus. 17,356</i>) |
| Félix da Rocha (<i>Fou Tso-Lin</i>) | 31.10.1713, Lisboa (<i>Jap. Sin 134,442</i>) | 01.05.1728 (<i>Lus 48, 44</i>) Últimos votos 02.02.1747, Pequim (<i>Lus 16, 265</i>) |

| Percurso biográfico | Morte | Fontes impressas |
|--|--|---|
| <p>Embarcou como escolástico para a China em 1748. Em 1754 estava na China central, em 1757 em Hou-nan, onde em 1765 havia 82 cristandades dispersas</p> | <p>1782, Hou-nan</p> | <p>Pfister p. 835; Dehergne p. 183; Wicki p. 1941</p> |
| <p>Embarcou para a China em 1750 onde chegou em 1753. Em 1755 está m 1753 (<i>Jap Sin 134,446</i>), em Foukien em 1755, e em Song-kiang em 23.10.1765</p> | <p>Depois de 1776, provavelmente em Jiangxi</p> | <p>Pfister p. 870; Dehergne p. 207; Wicki p. 1989</p> |
| <p>Embarcou como escolástico para a china a 13.04.1735 (<i>Lus. 48, 44</i>) chegou ao seminário de Macau em 1737, nomeado astrónomo da corte a 12.01.1738 (<i>Jap Sin 134, 434</i>) chegou a Pequim a 1.05.1738. Em 1753 foi nomeado assessor do Tribunal das Matemáticas e mandarim de 3ª classe e mais tarde de 6ª classe; vice-</p> | <p>22.05.1781, Pequim tem estela tumular no cemitério de Chala (<i>Planchet, p. 177</i>)</p> | <p>Pfister p. 870; Dehergne p. 223; Wicki p. 870</p> |

| Nome | Nascimento | Entrada na S.J. / Votos |
|--|---|---|
| <p>André Rodrigues (<i>Ngan Kouo-Ning Yong-K'ang</i>)</p> | <p>02.02.1729 Mortágua, diocese de Coimbra (<i>Jap Sin 134, 443, 446; Lus. 49,59</i>)</p> | <p>23.04.1745, no Noviciado de Arroios e destinado à China Últimos votos 02.02.1767, Pequim (<i>Lus. 17 a, 111</i>)</p> |
| <p>João Seixas (<i>Lin To-Yao Kié-Siou</i>)</p> | <p>15.08.1710, Lisboa</p> | <p>25.11.1727 (<i>Jap. Sin 134, 440</i>) Últimos votos 22.01.1745 Shangai (<i>Lus. 16, 202</i>)</p> |

| Percurso biográfico | Morte | Fontes impressas |
|--|--|---|
| <p>provincial (1753–1759) Presidente do Tribunal das Matemáticas em 1774 Embarcou em 1754 em Lisboa para a China (<i>Lus.</i> 49, 206 v) Chegou a 13.05.1759 a Pequim como astrónomo. Mestre dos noviços chineses em 1767 Em 1775 foi vice-presidente e mais tarde presidente do Tribunal das Matemáticas Mandarim de 3ª ordem a 19.08.1793 na embaixada inglesa como intérprete</p> | <p>02.12.1796 Pequim</p> | <p>Pfister, p. 888; Dehergne, p. 225; Wicki p. 2071</p> |
| <p>Embarcou em 1741, chegou à Cochinchina em 1741 e em 1742 à China. Esteve entre 1742 e 1751 em Kiagan. Em 1753 acompanhou o embaixador português Francisco Xavier Assis Pacheco à corte a Pequim e ali ficou</p> | <p>22.01.1785, Pequim tem estela tumular no cemitério de Chala</p> | <p>Pfister, p. 805; Dehergne, p. 244; Planchet, p. 164; Wicki, p. 1889</p> |

Referências

Fontes manuscritas

Archivum Romanum Societatis Iesu (ARSI), *Lus. 40 b: STATUS Antiquae Provinciae Lusitanae Soc. Jesu. Tempore Persecutionis Pombalinae*. 13 Dec. 1758 – 14 Aug. 1760. Olysi pone : [s.n.], 1905.

Catalogus generalis Assistentiae Lusitanae ou Catálogo geral da Assistência Lusitana (versão modernizada), Archivum Romanum Societatis Iesu (ARSI), *Lus. 41*, 1767.

Fontes Impressas

Abreu, António da Graça de. «Os bens dos últimos jesuítas portugueses em Pequim». Em: *Revista de Cultura*, 37 (II Série), Outubro/Dezembro, 1998, 55-62. [online]

Abreu, António da Graça de. «Os bens dos últimos jesuítas portugueses em Pequim». Em: Gonçalves, Nuno da Silva (coord.). *A Companhia de Jesus e a Missionação no Oriente*. Lisboa: Brotéria / Fundação Oriente, 2000, 225-234.

Arquivos de Macau, vol. XVI, nº 3, Setembro de 1971.

Caeiro, José. *História da Expulsão da Companhia de Jesus da Província de Portugal*, vol. 3. Lisboa: Verbo, 1991.

Dehergne, Joseph S.J. *Répertoire des Jésuites de Chine de 1552 à 1800*. Roma: Bibliotheca Institutum Historico SI, vol. XXXVII, Institutum Historicum, 1973.

Eckart, Anselmo. *Memórias de um Jesuíta prisioneiro de Pombal*. Braga: Apostolado da Imprensa, 1987.

Pfister, Louis S.J. *Notices Biographiques et bibliographiques sur les Jésuites de l'ancienne mission de Chine (1552–1773)*. Changai: Imprimerie de la Mission Catholique, 1932.

Rodrigues, Francisco, SI, *Jesuítas Portugueses astrónomos na China*, 1583-1805, I.C.M., Macau, 1990.

Wicki, Joseph. «Liste der Jesuiten-Indienfahrer 1541–1758». Em: *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*, 7, 1967, 252-450.

Trigueiros, António Júlio Limpo S.J. / Russo, Mariagrazia. *I Gesuiti dell'Assistenza Lusitana esiliati in Italia (1759–1831)*. Padova: Libreria Editrice Università di Padova, 2013.